

AS MADRUGADAS E A DIDÁTICA DA INVENÇÃO

Mônica Sette Lopes*

“Poesia é voar fora da asa”¹.

O nome dele é João. Seu João. Uma audiência qualquer de sumaríssimo. Uma manhã qualquer da semana. O meio dela. Reclamante sem advogado. Seu João. Reclamada sem advogado. Um sócio simpático, falante e cheio daquela ignorância sobre as coisas do direito que transita na improvisação das pequenas empresas. Um homem comum. Com as noções parciais do direito do trabalho e que ouviu de mim, numa outra audiência a que comparecera com a mesma disponibilidade para a sorte e o acaso, a advertência: “Quando o senhor se sentar no fim de semana com seus amigos e o assunto for a Justiça do Trabalho, lembre-se de que a juíza disse ao senhor que ela não é onipotente e onipresente e sem defesa e sem documentos, ela não tem como chegar à verdade”. E não tem como fazer justiça. Um bê-á-bá do processo em ampla defesa, traduzido em almanaque. Alguns dias depois ele voltou para a audiência de outro caso. O do Seu João. Uma coincidência. E já foi dizendo numa alegria de quase intimidade: “Olha eu de novo aqui! A senhora hoje não vai ficar brava comigo não, né?” E eu tentando puxar a memória, para chegar ao outro dia, respondi: “E o senhor hoje está mais organizado, né?”

E as tratativas do acordo começaram.

E aqui entra Manuel de Barros com um poema. *Uma didática da invenção*. Porque ele é apropriado para falar de audiências e das palavras que somem na inconsistência dos registros da casualidade do que ocorre nelas. Na primeira parte, o traço dele é assim:

“Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
- c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
- d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação
- e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos

* Juíza da 12ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito da UFMG e residente do IEAT/UFMG (2009/2010). Doutora em filosofia do direito.

¹ BARROS, Manuel. *Uma didática da invenção In: Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 302.

f) Como pegar na voz de um peixe

g) Qual o lado da noite que umedece primeiro

Etc

Etc

Etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios”.²

Mas, como se pode falar *em desaprender para ensinar princípios* quando se está cuidando do ritmo das audiências, da certeza na interpretação do acordo, da análise dos móveis que devem ser considerados na transação e do conhecimento de algo que se presume conhecido (o direito)?

É por causa do Seu João.

Lá pelo meio da audiência, o acordo já avançado quanto aos itens, prazos, formas, fórmulas e riscos, ele virou para mim e perguntou, coçando a cabeça num tique que transformava seu corpo inteiro numa interrogação:

- Mas e se ele pegar uma madrugada?

E eu fiquei uns segundos perseguindo aquela *madrugada*, aquela uma. Que palavra era aquela, meu Deus, ali naquela hora? Para onde ela poderia levar o processo?

Seu João parado entre as interrogações, me olhava e eu, que nem no poema do Manuel de Barros, tentando entender a palavra jogada fora da linha dela, fora do lugar. Sabendo que o esplendor da manhã não se abre a faca.

Foi rápido, porém. Porque lembrei do furtivo das madrugadas, do aparecimento delas sempre meio frio. Lembrei que sair de madrugada é não ser visto de manhã. Lembrei de quando a gente acorda no meio delas e o sono não vem de volta e o pensamento fica indo para uns lugares que não eram de ir. Lembrei que há um lado da noite que umedece primeiro.

E o Seu João queria dizer do problema: e se ele sumisse e não cumprisse o acordo?

E eu queria ter na hora as palavras certas para emendar nas do Seu João e falar de madrugada, de rio, de peixe, de homem que toca o fagote de tarde. Mas acabei falando que se ele não cumprisse o acordo, vinha a multa, vinha a execução e tudo começava direto de onde estávamos com toda a dificuldade, porque teríamos que achar bens, teríamos que penhorar bens e vendê-los e torcer para o valor ser suficiente, o que era que nem *pegar na voz de um peixe*. E nós pegaríamos junto o fluxo de um dia depois

² BARROS, op. cit., p. 299.

de outro para trazer o dinheiro para ele. E faríamos isso tudo no papel onde não cabem nem jacintos, nem violetas, nem lagartos.

Devo ter usado as palavras certas, porque ele acreditou em mim e fez o acordo. Mas me deixou na sala presa naquela madrugada feita para fugir. Abriu para mim um caminho de madrugadas no susto das palavras. Deixou, sobretudo, esta certeza de que a sala de audiências é lugar para palavras de surpresa. Para voar fora da asa. Para exercitar a força dos dicionários que se fazem no vento da fala com voz. Para consertar a nossa *ignorância*, como diz Manuel de Barros, no fecho do poema que ensina a invenção:

“Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.

Sou um sujeito letrado em dicionários.

Não tenho que 100 palavras.

Pelo menos uma vez por dia me vou no Moraes ou no Viterbo –

A fim de consertar minha ignorância,

Mas só acrescenta.

Despesas para minha erudição tiro nos almanaques:

- Ser ou não ser, eis a questão.

Ou na porta dos cemitérios:

- Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.

Ou no verso das folhinhas:

- Conhece-te a ti mesmo.

Ou na boca do povinho:

- Coisa que não acaba no mundo é gente buscando besta e pau seco.

Etc

Etc

Etc

Maior que o infinito é a encomenda.”³

³ BARROS, op. cit., p. 304.